

UMA CASA COM MUITAS MEMÓRIAS

Há 70 anos, visava o Estado Novo que a Casa dos Estudantes do Império contribuisse para o desenvolvimento do projeto colonial. Saiu o tiro pela culatra: ela transformou-se em ativo centro de reuniões e de troca de ideias, alforge de desempenhos culturais e literários de cariz nacionalista e do ideário independentista, local de debate de ideais políticos libertadores. Nada voltou a ser o mesmo no seio dos estudantes vindos 'de todas as partes do império'

Texto **António Loja Neves**

As colónias tinham de ser geridas, haviam acabado os tempos em que, de longe — da metrópole europeia do império —, apenas se sabia que existiam e que eram dirigidas conforme podia um país pequeno que ia perdendo rapidamente a sua 'dimensão épica' de desbravador de terras e criador de 'civilização'. Após o abalo resultante do estrondoso falhanço do golpe do Mapa Cor de Rosa, da incapacidade monárquica, no seu estertor, e das sequelas de uma Primeira República perdedora para o golpe militar de 1926, as colónias tinham de ser encaradas de uma maneira nova, onde, aliás, pudesse resplandecer a sua grandiosidade, dando testemunho do Império e da saga lusitana, que, segundo os discursos e os compêndios salazaristas de História, iam dilatando a fé e o império através dos territórios ignotos que eram as suas gloriosas possessões.

Para isso havia necessidade de quadros com instrução e conhecimentos, e nada melhor do que arranjá-los diretamente nos territórios ultramarinos. E eles vieram estudar para a metrópole. Separados das suas

comunidades, dos seus usos e costumes, tendo que lidar com um meio inevitavelmente inóspito, juntaram-se. Assim nasceu a Casa dos Estudantes de Angola em 1943. Depressa despontaram em Lisboa casas de estudantes de outros territórios, e o Governo decidiu ser conveniente aglutiná-los numa só estrutura, promovendo a unificação na Casa dos Estudantes do Império (CEI). Se no próprio Estado a lógica do Império originou uma centralização ferina, política, administrativa e financeira, às casas estudantis obrigaram-nas a recolher-se numa só, recusando identificações com os territórios de origem e potenciais pulsões nacionalistas. Diz o historiador Fernando Rosas num texto editado no número especial da revista "Mensagem" de 1997 (publicada pela novel e evocativa Associação da Casa dos Estudantes do Império), que era, "na sua maioria, constituída por filhos de colonos brancos, também alguns mestiços e, no início, um pequeno número de negros — até porque isso correspondia às possibilidades reais de as famílias das colónias mandarem os filhos estudar na universidade em Lisboa (...) uma grande despesa e um grande investimento que só uma elite muitíssimo restrita tinha possibilidade de pagar". Mas as coisas voltaram-se contra os designios com que a ditadura a criou: formar uma elite, o escol que iria constituir a ossatura administrativa do tecido colonial, eivada da ideologia do regime e subserviente ao que aprendera nos bancos universitários europeus.

A CEI viria a ser testemunha ativa das grandes mudanças cíclicas observadas ao longo dos tempos na política colonial portuguesa, desde a fase imperial, passando pela fórmula encapotada da fase ultramarina, em que



O edifício como estava ao tempo da CEI e que os interesses imobiliários não permitiram que se guardasse como instituição e local de referência

as possessões passam a integrar o todo orgânico nacional — o tal ‘grito’ do “Portugal uno e indivisível, do Minho a Timor”! —, fugindo à política internacional anticolonial que então estava em voga. Finalmente, a fase da guerra e do estertor do regime colonial-fascista, que decorre de 1961, com o nascimento e ação no terreno dos movimentos de libertação, até desembocar nos acontecimentos de 1974 e nas consequentes independências. Entretanto, foi agente dinâmica de múltiplos momentos históricos em que se misturam a política portuguesa e a epopeia da formação e crescimento dos movimentos pró-independência daqueles territórios africanos e asiáticos.

A mescla entre estes estudantes e as forças da oposição portuguesa é imediata. A opressão, sentida de maneira comum, obriga a isso. Em 1946, a maioria dos corpos gerentes da CEI apoia o Movimento de Unidade Democrática e está inscrita no MUD Juvenil,

mas já antes, em 1942, o angolano Agostinho Neto, da delegação de Coimbra da CEI, é acusado pela PIDE, com Lúcio Lara, de serem íntimos de figuras opositoras e de elementos do movimento cultural neorrealista. A Casa progride. A instituição que aglutina e ‘protege’ os universitários africanos, de forma ainda elementar, passa a ter mais de 600 sócios, serve diariamente 200 refeições, quando ainda nem cantinas universitárias havia, gere um lar para 14 estudantes, tem biblioteca, salão de jogos e posto clínico... Possui delegações em Coimbra e no Porto.

Mas ela é muito mais: promove encontros desportivos, sessões de cinema e de música, e bailes, colóquios, exposições e conferências, em que se destaca o génio criativo dos seus associados e de outros africanos. Forma uma secção editorrial que virá a publicar as primeiras antologias de poetas e contistas angolanos, moçambicanos e são-tomenses.

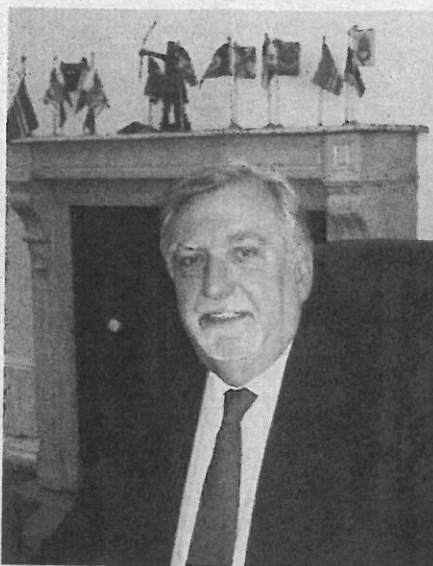
Foi agente dinâmica de múltiplos momentos históricos, como o crescimento dos movimentos pró-independência dos territórios coloniais africanos e asiáticos

Uma pedrada no charco. Estava em marcha a nova literatura africana escrita em português: Viriato da Cruz, António Jacinto, Luandino, Agostinho Neto, Mário António, Craveirinha, Noémia de Sousa, Tomás Medeiros, Carlos Ervedosa, Alfredo Margarido, Papiniano Carlos, Rui Knopfli, Rui Nogar, Fernando Couto, Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Aires de Almeida Santos, Alexandre Dáskalos, Manuel Lima, Costa Alegre, Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito Santo, Maria Manuela Margarido, entre tantos mais.

Além deste edifício literário, erguia-se, de forma irreversível, o edifício político e ideológico. O espaço era um ambiente antissalazarista e contra o regime colonial, e a descoberta das suas raízes culturais e a troca de ideias revigoraram o desejo de um futuro para os seus países, libertados do jugo colonial, criando-se ali um dos principais nichos do fenómeno independentista e da formação prototípica dos movimentos de libertação, nas pessoas de Amílcar Cabral, Marcelino

IDEIAS & DEBATES

dos Santos, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Vasco Cabral, Pedro Pires e outros. O regime perdia em toda a linha. Quando, enfim, mandou a PIDE encerrar a Casa, já a torrente de lava incandescente derramara e fazia caminho. Os debates vivos, o ensino das filosofias, teoria e ação desaguarão em importantes momentos, como a “Mensagem ao Povo Português”, oriunda da delegação de Coimbra, em que os sócios da CEI, “na qualidade de futuros dirigentes dos seus respetivos países”, expuseram as suas ideias de adesão às acusações feitas na ONU contra o Governo português por causa da manutenção do sistema colonial e denunciando os trabalhos forçados, a exportação de mão de obra escrava para as minas da África do Sul, as fomes cíclicas, a concentração de forças militares portuguesas e a inexistência de universidades nos seus territórios. Adiantavam que a sua luta era contra o sistema e não contra o povo português e — estamos em 1960... — advertiam que “é necessário pôr termo aos preparativos de uma guerra colonial onde correrá o nosso sangue e o sangue da vossa sacrificada juventude”. Já em 1950 a Secção da Índia tinha-se recusado a assinar um documento condenando afirmações



Vitor Ramalho, secretário-geral da UCCLA, deu grande impulso para que acontecessem estas comemorações

de Nehru contra a presença portuguesa em enclaves daquele país asiático. Finalmente, a fuga organizada do território português de centena e meia de estudantes que foram juntar-se aos respetivos movimentos de libertação, em 1964, foi a gota de água para que se determinasse a proibição da CEI. Mas esta já tinha cumprido o seu dever histórico.

A memória esvaneceu-se diante deste crucial enredo histórico? Sim, esvaneceu-se. Hoje, apenas estudiosos e académicos referem estes acontecimentos. É por isso que a União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), nos 70 anos da fundação da CEI, realiza uma série de iniciativas que começaram em outubro em Coimbra e se transferem para Lisboa no início do próximo ano. Entre janeiro e abril haverá um conjunto de mesas-redondas dirigidas por antigos associados da CEI, sobre a sua importância numa perspetiva político-social. Depois, em maio, inaugura-se uma grande exposição documental na Câmara Municipal de Lisboa, e nos dias 22, 23 e 24 desse mês terá lugar o Colóquio Internacional sobre a CEI, na Fundação Calouste Gulbenkian. Finalmente, no dia 25, proceder-se-á à sessão de encerramento, com os associados da Casa que exerceram funções de primeiros-ministros ou Presidentes da República dos seus países: França Van-Diñem (Angola), Joaquim Chissano, Pascoal Mucumbi, Mário Machungo (todos de Moçambique), Miguel Trovoada (de São Tomé e Príncipe), Pedro Pires (de Cabo Verde) e Jorge Sampaio.

Vitor Ramalho, secretário-geral da UC-

CLA, lembra: “Se abandonarmos ao esquecimento estes factos, eu diria que se perde a alma do que somos. Portugal foi o único país europeu que, tendo possessões coloniais em África, integra uma realidade supranacional que incorpora todos os novos países saídos das independências coloniais, sem exceção, o que tem muito a ver com a necessidade das comemorações que decidimos organizar. Foi o único país que desenvolveu uma guerra colonial em ditadura, o que significa que a luta dos povos sob domínio colonial correu paredes meias com a do povo português, porque a ditadura era comum. Evidentemente, ela oprimia em graus diferenciados, mas isso deu lugar a cumplicidades entre as elites dos povos colonizados e as elites políticas nacionais. É nestas circunstâncias que nasce a CEI, onde esta relação de solidariedade e de fraternidade se manteve porque a luta era comum.” Estamos realmente perante um fator superlativo da história recente portuguesa. “Na Casa, a procura da identidade dos territórios de onde eram originários levou-os a essa pesquisa teórica e a forjar, a partir da criação literária e da música, personalidades invulgares.” Vitor Ramalho realça a influência plasmática desse grupo de africanos na nossa própria dimensão cultural: “Eles hoje são referência dos seus países. Podemos pensar, por exemplo, a cultura angolana sem Pepetela, ou Luandino, ou Manuel Rui Monteiro? Na UCCLA, estamos a reeditar os 22 livros de bolso editados pela CEI onde essas personalidades aparecem. Reeditámos também as duas antologias poéticas lançadas originariamente pela Casa.” E não se pode deixar de falar do plano cimeiro político: “Esses jovens marcaram o destino dos territórios de onde eram originários. O seu idealismo e a generosidade emprestaram objetivos à procura da identidade e à consciência de que poderiam vir a dirigir o complexo processo de acesso à independência no futuro. Seria desastroso que toda esta saga se tivesse perdido.” As comemorações de agora, a efeméride, nada têm a ver com uma postura revivalista, pelo contrário. “Para construirmos um mundo novo, na globalização, tal é incompatível com a simples valorização dos mercados e do dinheiro, porque o futuro de todos nós passa por percebermos a nossa História.” E Vitor Ramalho conclui: “É imprescindível transmitir aos jovens dos nossos países, envolvidos nesta caminhada comum, esta postura universalista e tolerante dos nossos povos nas relações entre si, independentemente das marcas graves da colonização.” **A**

ineves@expresso.impreso.pt

TEATRO ABERTO

AMOR e Informação

CARYL CHURCHILL

SEXTA E SÁBADO 21H30
DOMINGO MATINÉE 16H00
DIAS 24 E 25 DEZEMBRO
NÃO HAVERÁ SESSÃO

Versão João Lourenço | Vera San Payo de Lemos Dramaturgia Vera San Payo de Lemos Encenação João Lourenço Cenário António Casimiro | João Lourenço Figurinos Isabel Carmona Vídeo Nuno Neves Coreografia Cláudia Nóvoa Luz João Lourenço Com Ana Gulomar | Carlos Melvarez | Cristóvão Campos | Francisco Pestana Irene Cruz | João Vicente | Marta Dias | Marta Ribeiro | Melim Teixeira | Patrícia André | Paulo Oom | Rui Neto | Teresa Sobral [M/12]

CO-PRODUÇÃO LISBOA ESTRUTURA FINANCIADA POR APOIO